

Jogo de PARAPARAS: Memórias e símbolos de uma cidade que prepara para a vida e gera vínculos através de tradições lúdicas¹

Paraparas Game: Memories and Symbols of a City That Prepares Individuals for Life and Fosters Bonds Through Playful Traditions

Enviado em: 15-11-2025

Aceito em: 20-01-2026

Henry Rafael Vallejo Infante²

Resumo

O presente ensaio aborda as memórias lúdico-tradicionais presentes secularmente em Ciudad Bolívar, estado Bolívar – Venezuela, e como uma mulher: Mariíta Ramírez, torna-se patrimônio vivo ao preservar e difundir tais práticas. O estudo começa-se fazendo uma breve narração autobiográfica, que faz menção às diversas atividades recreativas herdadas dos ancestrais *guayaneses* e, posteriormente, foca a atenção em uma das distrações infantis e juvenis mais representativas e simbólicas da Semana Santa na Região Guayana, o jogo de *paraparas* que meninas e meninos realizam em praças, ruas, escolas e pátios da antiga cidade, mas de maneira muito especial na antiga Plaza Mayor (atual Plaza Bolívar) da velha Angostura del Orinoco, espaço que por muitas gerações se tornou o ponto de encontro para a socialização sem discriminação de sexo, raça ou religião, transformando as interações em processos de aprendizagem verbal, habilidade numérica e físico-motora, e até mesmo para perder a timidez e expressar seus sentimentos.

Palavras-chave: Ciudad Bolívar, memórias, tradição, *juego de paraparas*.

Abstract

This essay examines the playful-traditional memories that have endured for centuries in Ciudad Bolívar, Bolívar State, Venezuela, and analyzes how a woman—Mariíta Ramírez—becomes a bearer of living heritage by preserving and disseminating these practices. The study begins with a brief autobiographical narrative that refers to various recreational activities inherited from Guayanese ancestors. It then focuses on one of the most representative and symbolic childhood and youth pastimes of Holy Week in the Guayana Region: the *paraparas* game, played by girls and boys in squares,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Professor Visitante (CAPES) do PPGAA-UFPR, Doutor em Cultura e Arte para a América Latina e Caribe pela Universidad Pedagógica Experimental Libertador – Instituto Pedagógico de Caracas. Pós-Doutorado em Crescimento Espiritual (UPEL-IPC), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, Pós-Graduação em Telemática e Ciência da Computação em Educação a Distância pela Universidad Nacional Abierta, Especialista em Educação Indígena pela Universidad Nacional Experimental del Magisterio Samuel Robinson, e Licenciado em Educação pela Universidad Central de Venezuela. E-mail: vallejo.henry@gmail.com

streets, schools, and courtyards throughout the old city, and especially in the former Plaza Mayor (now Plaza Bolívar) of historic Angostura del Orinoco. For many generations, this space became a meeting point for socialization without discrimination based on sex, race, or religion, transforming interactions into processes of verbal learning, numerical skills, and physical–motor development, as well as opportunities to overcome shyness and express emotions.

Keywords: Ciudad Bolívar; memory; tradition; *paraparas* game.

Introdução

Ao investigar o espírito da paisagem *bolivarense*³ como modelo local, evidencia-se um enraizamento especial no território, concebido como uma entidade multidimensional que resulta dos diversos tipos de práticas e relações que estabelecem vínculos entre sistemas simbólicos/culturais (Escobar, 2000) sobre o patrimônio cultural sustentável e, mais especificamente, sobre as tradições lúdicas que permanecem vigentes como representações sociais cotidianas (Moscovici, 1979) desde a ancestralidade na capital do estado, Ciudad Bolívar, donde secularmente emergem a partir da fusão de distintas heranças étnico-raciais, três atividades de grande fama, aguardadas impientemente por meninas e meninos, além de apoiadas pela família e sempre lembradas a partir das memórias afetivas subjetivas e intersubjetivas como tecido social comunitário dos avós (Schutz, 2008); estes são os encontros divertidos para *jugar paraparas* e *bailar las zarandas* durante a Semana Santa e as *correrías de caballitos de San Juan* na jornada de 24 de junho.

É importante declarar que o texto foi alcançado graças a uma abordagem antropológica baseada no paradigma socioconstrucionista (Ibañez, 2001; Wiesenfeld, 2001), que envolve uma série de técnicas metodológicas onde se destacam: A entrevista qualitativa (Márquez, 2009), aplicada a trabalhadores da cultura com longa trajetória no campo da difusão identitária do lugar (Mosonyi, 2012) por meio de seus sistemas de valores e crenças próprios (Velásquez, 2008), como bolivarenses, conformando assim a amostra intencional (Matínez, 2006).

Também se utiliza o recurso da narração autobiográfica ou autobiografia intelectual, definida por Alicia Gurdían-Fernández (2007), através da presença de "nossos sentimentos, verdades, crenças, princípios, preconceitos e ideias" (p. 125),

³ Esta palavra é o gentílico das pessoas nascidas em Ciudad Bolívar, capital do estado de Bolívar, Venezuela.

pois são dados-chave para analisar, interpretar e “compreender a natureza do ambiente social, educativo e cultural não apenas em que vivemos, mas também sobre o qual queremos estudar ou investigar.” (p. 126), produto da observação participante vivida que manifesto como autor do artigo, e que são agregados organicamente ao acervo bibliográfico de fontes referenciais a fim de realizar hermeneuticamente uma análise baseada na triangulação entre quem escreve (teóricos), quem fala (entrevistados) e a reflexividade do autor (Márquez, 2009).

Por tudo o que foi dito nos parágrafos anteriores, assume-se desenvolver, neste texto, um recorte voltado para o estudo dos elementos que compõem as dinâmicas lúdicas que formam parte do período quaresmal, junto a rotinas religiosas estritas chegadas com a colonização religiosa e suas metanarrativas universalistas (Lander, 2000), que muitas vezes, escapam à compreensão da população mais jovem, necessitada de espaços para socializar e movimentar seu corpo a partir de conhecer e compreender o lugar como paisagem geográfico e socio-cultural, onde realizam suas atividades práticas (Tuan, 1983) que constitui seu mundo de vida, nutrida com heranças ancestrais indígenas, europeias y africanas, constituindo o patrimônio cultural baseado em “tudo o que é socialmente considerado digno de conservação, independentemente de seu interesse utilitário” (Prats, 1998, p. 115).

Apresentação do contexto de estudo

É muito importante declarar que a origem do conteúdo que está sendo apresentado, forma parte de um trabalho de pesquisa e escrita feito por mais de três décadas, quando na Venezuela ainda existiam jornais em papel que divulgavam as informações sem o olho vigilante e cortante do atual estado-governo ditador, gerador da maior crise econômica e humanitária contemporânea em América Latina, e isso se torna evidente com a migração massiva de venezuelanos para países vizinhos como Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil.

Para o momento quando começa a pesquisa, Ciudad Bolívar tinha quatro meios de comunicação escritos e impressos que circulavam à venda, isso é muito importante mencionar, porque nesse território foi onde nasceu o jornalismo no país, graças à Simón Bolívar, junto com Fernando Peñalver, que orquestraram a primeira

impressão realizada por venezuelanos contra a coroa espanhola, durante os processos de independência da nação, com o famoso: *Correo del Orinoco*⁴. Para a década de 90, esta localidade contava com: *Diario El Bolivarense*⁵, *Periódico Correo del Caroní*⁶, *Diario El Progreso*⁷ *Diario El Expreso*⁸ e o jornal vespertino *La Tarde*, onde fiz minha primeira publicação sobre o *juego de parapara*⁹ em uma coluna que o diretor

⁴ El Correo del Orinoco surgió de la iniciativa de Simón Bolívar de crear un medio propagandístico de la Tercera República para neutralizar la preponderancia de la Gaceta de Caracas, que era el periódico al servicio de la Corona Española.

Tras los esfuerzos de Bolívar de conseguir una imprenta para Angostura en el año 1817, escribe una carta a Fernando Peñalver, quien se encontraba en Trinidad con el propósito de encontrar la forma de hacerse con una estampadora.

Lograron trasladar desde Trinidad una máquina movida a brazo, con la que imprimieron cuatro páginas en papel de hilo y el 27 de junio de 1818, aparece en las calles por primera vez el periódico “Correo del Orinoco”, durante la Guerra de independencia de Venezuela, con el lema “Somos libres, escribimos en un país libre y no nos proponemos engañar al público”. Disponible en: <https://www.elcorreodelorinoco.com/historia-del-correo-del-orinoco/>

⁵ Segundo as informações do Cronista da cidade, Américo Fernández (2012): El Bolivarense apareció el 30 de septiembre de 1880 bajo el signo de la balanza, formato 62x44 cm, como diario de la tarde dirigido por su propio fundador José María Ortega y administración del tipógrafo Cleto Navarro. Terminó sus días con el siglo, vale decir, con la muerte del fundador, ocurrida el 20 de enero de 1899, tras cuarenta años de incasable labor periodística, para dar paso al diario El Anunciador fundado por Agustín Suegart transformado el 19 de julio de 1905 con el mismo formato en El Luchador.

El Bolivarense trata de reaparecer a principios del siglo XX, pero el esfuerzo se pierde en pocas ediciones por la ausencia de su antiguo director. En 1942, Monseñor Dámaso Cardozo, fogueado en la Gaceta Eclesiástica, reanuda la circulación del diario en la Editorial Talavera donde se editaba dicha gaceta, pero como el cometa, aparece y reaparece hasta el primero de diciembre de 1957, que don Brígido Natera Ricci, concibe el actual diario El Bolivarense, primer matutino de la historia del periodismo guayanés frente a El Luchador que desde 1905 venía circulando como vespertino. Disponible en: <https://cronologiadelestadobolivar.blogspot.com/2012/07/fundacion-de-el-bolivarense.html>

⁶ Sobre este jornal, Américo Fernández (2014) nos conta: El 27 de junio de 1977 entró en circulación desde Ciudad Guayana, el Correo del Caroní, editado en los talleres de la Editorial Roderick y dirigido por su propietario, el doctor David Natera Febres.

Un matutino tamaño standard, dos cuerpos y un número de páginas acorde con una ciudad en crecimiento. La rotativa instalada, sistema offset, correspondía para entonces a una de las más modernas llegadas al país y, en la práctica, la más grande de la provincia venezolana, con capacidad para editar un diario de 32 páginas, cuatro colores en la primera y última páginas de cada cuerpo. Disponible en: <https://cronologiauniversal.blogspot.com/2014/06/el-correo-del-caroni.html>

⁷ Ao se referir à história do jornal matutino, Américo Fernández (2022) manifesta: 8 de mayo de 1993. “El Progreso” como reminiscencia inconsciente de aquel otro homólogo de mediados del siglo diecinueve, apareció el 8 de mayo de 1993 en formato tabloide de 24 páginas y con el lema “La verdad primero”. Ese día de San Acacio, con la colaboración de varios periodistas, entre los cuales destacaba Rosendo Magallanes, como un verdadero alter ego, Carlos Mejías se lanzaba al ruedo de una nueva empresa que en vez de aulas limitadas por muros adoptaba el espacio abierto e infinito de la calle como cátedra para la información y la discusión de las ideas. Disponible en: <https://cronologiadelestadobolivar.blogspot.com/2022/05/diario-el-progreso.html>

⁸ De acordo com os registros de Américo Fernández (2013): El 16 de agosto de 1969, en la subida de la calle Dalla Costa, en una antigua y angosta casa de patio largo, nació El Expreso del vientre de la primera rotativa Offset llegada a Ciudad Bolívar para romper con el tradicional sistema de fundición en el que todavía continuaban imprimiéndose “El Luchador”, decano del diarismo, desaparecido en el 84 y “El Bolivarense” que para entonces tenía apenas doce años de fundado. Era una novedad aquella impresión casi litográfica accidentalmente inventada por Ira Rubel que ya perfeccionado recién había llegado a Venezuela con la propia timidez del desconocido. Disponible en: <https://cronologiadelestadobolivar.blogspot.com/2013/08/diario-el-expreso.html>

⁹ Vídeo de demonstração das formas de realizar o jogo: <https://www.youtube.com/watch?v=1Jeva85-B-Q>

editorial me outorgou com apenas 16 anos de idade. Aí faço menção aos usos que os habitantes das zonas rurais do estado dão à árvore e ao fruto do *parapara*, além de mencionar Mariíta Ramírez, felicitando-a pelo extraordinário trabalho de preservação que realizava e continua realizando sobre as memórias lúdicas da minha cidade natal.

Imagem 1: Coluna sobre o resgate do folclore das frutas regionais do estado de Bolívar no jornal: La Tarde do dia 20 de abril de 1992



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Rómulo Gallegos de Ciudad Bolívar.

Graças às minhas diferentes publicações sobre as frutas da região e às participações musicais, essa destacada cultivadora antes mencionada me convida a fazer parte do projeto pedagógico cultural para a preservação, projeção e dignificação das memórias musicais, dancísticas, geohistóricas e lúdicas, que vinha sendo realizado desde 1981, com a criação da Fundação Cultural Grupo Parapara, uma instituição sem fins lucrativos que, a partir da autogestão com o ensino da execução de instrumentos musicais, se dedica a proteger nossas identidades socioculturais apoiando-se em concertos, oficinas, desfiles, etc., mantendo vivas as formas próprias de vida que conformam as singularidades do cotidiano *bolivarense*.

Imagem 2: Encerramento de uma oficina de música e jogos tradicionais *bolivarenses* para escolas públicas de Ciudad Bolívar. Na foto, observa-se Mariíta Ramírez e Henry Vallejo Infante, junto a meninas participantes no ano de 1992.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10209021450426198&set=a.10209021394064789>

Agora bem, com a participação ativa em concertos, programas de rádio, jornais e rodas de fala sobre as práticas locais, começo a me aprofundar no estudo das origens e ensinamentos desses jogos tradicionais que desde muito pequeno, eu conhecia e praticava apenas como uma simples atividade recreativa, e nada mais, sem imaginar o valor e a grande herança ancestral que eles mantêm na cidade e seus habitantes. Falo a vocês especificamente sobre o Jogo de *Paraparas*, os encontros para brincar lançando ao chão *Zarandas* e *Piões*, e *as Correrías de Caballitos de San Juan*, realizadas todo 24 de junho em todos os setores da cidade.

Com essa imersão na teoria, prática, execução e até na fabricação de alguns jogos e brinquedos tradicionais, também entrei em contato com canções que Mariíta Ramírez compôs por dois motivos. A primeira intenção é contribuir, através da música como recurso musical, para manter a memória lúdica da cidade, e a segunda razão é que sua interpretação seria um cartão de apresentação sonora nos concertos pedagógicos do Grupo Parapara, alcançando a divulgação de uma forma mais divertida e agradável para as crianças, como a seguinte letra que apresento a seguir:

Nome: Es el Parapara
Ritmo: Parranda

Coro:
Es el parapara
Que les canta aquí
Ritmos de Guayana
A todo el país
I
Semillita negra
Y muy popular
Que en nuestras regiones
Se debe jugar
El lugar de encuentro
Es la Plaza Bolívar
Vamos a jugarlo muchachos
Para que reviva.
II
En Ciudad Bolívar
Y en el interior
Este hermoso juego
Fue una tradición
Vamos a invitarlos
Para preservar
A las parapiolas
Todos a sembrar
III
La Plaza Bolívar
Que testigo fue
Del pares o nones
Que tanto jugué
Con mis paraparas
Animo a mi gente
Cruzando los puños
Con cara sonriente
IV
Con el quiminduña
Y la sota galleta
Jugaban los niños
Con mucha destreza
Puño sobre puño
Los brazos cruzando
Preguntas, respuestas
Y se iban rupeando¹⁰

Com o avanço do discurso argumentativo, imagino que os leitores se perguntarão, por que menciono regularmente Mariíta Ramírez durante a narrativa deste estudo? Basicamente porque esta ilustre mulher, nascida em Ciudad Bolívar, o dia 2 de setembro de 1951, torna-se um símbolo da cultura popular, não apenas da cidade ou do estado sobre o qual o estudo está fundamentado, mas em toda a Região Guayana, ao consagrar sua vida a preservar, através da música e ensinamentos, as diversas memórias que formam a peculiaridade dos nascidos no estado Bolívar e nos

¹⁰ Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk5jBQvq2PQ>

estados vizinhos, Anzoátegui e Delta Amacuro. Em entrevista, Mariíta Ramírez confessa:

En la década de los 80, realice muchos cambios en mi vida, especialmente por el nacimiento de mi primer hijo, Fernando Cigilberto Millán Ramírez, frente a mi nuevo panorama de madre, pasé a trabajar como secretaria en la Casa de la Cultura Ateneo “Carlos Raúl Villanueva”, fundada y dirigida por una mujer upatense, la recordada poeta, Guillermina “Mimina” Rodríguez Lezama, y para el año 1981, acompañada de un grupo de jóvenes músicos populares de Ciudad Bolívar, decido crear el Grupo Parapara, un proyecto musical que se propone preservar y difundir el legado del arte sonoro y lúdico heredado de todos los músicos de antaño de esa Ciudad Bolívar que conocí a través de mi ancestros y contemporáneos.

Imagem 3: Registro fotográfico com membros fundadores do Grupo Parapara, durante os primeiros ensaios na Casa da Cultura Ateneo “Carlos Raúl Villanueva” de Ciudad Bolívar, 1981. Da direita para a esquerda: María Barreto (guitarra), Mariíta Ramírez (cuatro) e Alfredo Ramírez (mandolina).



Fonte: Arquivo Fundação Cultural Parapara.

Seu trabalho a leva a ser reconhecida como Patrimônio Cultural Vivo. Sobre esta importante personagem, Henry Vallejo Infante e Rita Juliana Poloni (2025) discorrem sobre o motivo da homenagem a ela dedicada em Curitiba, estado do Paraná, Brasil, onde foi homenageada durante o III Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: O Natal Nos Une (2024):

Mariíta iniciou sua trajetória como figura pública muito cedo, participando de programas de rádio em Ciudad Bolívar, época em que as emissoras contavam com auditórios para programas de talentos infantis ao vivo. Nessas

ocasiões, ela se apresentava ao lado de figuras reconhecidas, muitas vezes acompanhada por Don Alejandro Vargas (p. 23).

E mais adiante, os mesmos autores continuam comentando:

Mariíta foi merecidamente agraciada com inúmeros reconhecimentos, prêmios, ordens e condecorações, por seu extraordinário trabalho como portadora, guardiã e difusora da memória cultural (Candau, 2012). Assim, em 2006, ela passou a ser reconhecida institucionalmente como Patrimônio Cultural Vivo do Município Heres, no Estado Bolívar – Venezuela, conforme consta no Catálogo de Patrimônio Cultural Venezuelano 2004–2005, Região Orinoco – Bolívar, Município Heres BO 05, onde está registrado (p. 25).

Destacando a importância de Mariíta Ramírez para este estudo, informa-se que a artista faz parte da amostra intencional como entrevistada.

Retornando a alguns elementos narrativos autobiográficos, a fim de avançar no fio histórico, devo fazer menção que aos 20 anos de idade mudei-me da cidade onde nasci, para estudar na Universidade Central da Venezuela, em Caracas, capital da Venezuela.

Nesse novo lugar continuei minhas pesquisas sobre os jogos tradicionais, mas já não fazendo anotações de campo, observações durante encontros lúdicos ou entrevistas com idosas e idosos conhecedores das tradições populares, e sim em grandes bibliotecas, lendo trabalhos acadêmicos que abordam a temática que começou a me interessar na adolescência, fato que me levou a assumir como projeto de pesquisa para obter a graduação como *Licenciado en Educación* o trabalho: *Juegos tradicionales de Ciudad Bolívar. Libro complementario*, ele mesmo foi defendido em 2005.

O estudo representou a grande oportunidade de conhecer outras investigações feitas em torno das atividades lúdicas do estado Bolívar, onde posso mencionar as autoras Carreño Emilia, Dasilva Magdelisa e Melgar Xiomara (1991), elas escrevem: *Manual de la cultura popular tradicional de Ciudad Bolívar en el nivel pre-escolar*, produto intelectual que junto ao, *Manual de Cultura residencial popular y no popular tradicional y moderna, criolla y étnica de Ciudad Bolívar* de Collins Menkis e Rojas María (1991), conformam a base científica para desenvolver o processo de pesquisa que se fechou com muito sucesso.

As bases teóricas e os objetivos apresentados nas três pesquisas supracitadas buscam contribuir para o processo ensino-aprendizagem em sala de aula

a partir da integração da cultura popular, tradicional e étnica, considerada parte importante das memórias lúdicas de todos os *guayaneses*, além de alternativas pedagógicas transformadas em estratégias facilitadoras dos processos de socialização, reconhecimento numérico, versos poéticos, desenvolvimento motor fino e grosso, domínio do espaço com o corpo, deslocamento aerodinâmico com objetos de uso cotidiano, lutas sociais representadas pela visão colonialista sobre os brinquedos e história regional em correlação com uma paisagem viva e mutável de acordo com a estação seca ou chuvosa.

Cenário geo-histórico da cidade da tradição

Após a invasão espanhola de territórios indígenas em 1492, iniciou-se um violento processo de renomeação de lugares ancestrais, escravização e deslocamento forçado de povos nativos, ações que deram lugar à Venezuela como Estado-nação. Alguns anos depois, com a terceira viagem de Colombo em 1498, foi fundada a primeira cidade da América do Sul, na Ilha de Cubagua, que chamaram de Nueva Cádiz, transformando este lugar em um centro de exploração de pérolas que dizimou os aborígenes que habitavam a cultura Guaiquerí, destruindo o ecossistema marinho, a ponto de em apenas três décadas desaparecerem os bancos de pérolas (Rodríguez, 2017). A diminuição dos lucros da coroa espanhola levou os colonizadores a orquestrarem a expedição de Diego de Ordaz em 1531, quando começou a verdadeira penetração espanhola de Guayana (Briceño, 1993), uma companhia sustentada pela gananciosa corrida do ouro, baseada no mito de El Dorado (Vallejo Infante; Colvero, 2024).

Mais tarde, Antonio de Berrío chegou ao Orinoco em 1595, dia de Santo Tomás e rebatizou o lugar de Santo Tomé de Guayana, mas com sua morte e decepcionado com tantos infortúnios, seu filho Don Fernando mudou a cidade para outro espaço em 1598. Em 22 de maio de 1764, foi feita a última mudança de Santo Tomé de Guayana para a área mais estreita do rio, recebendo o nome de Nueva Guayana de la Angostura del Orinoco, mais conhecida como Angostura, que em 1846 recebeu o título republicano de Ciudad Bolívar, em homenagem ao Libertador Simón Bolívar (Fernández, 2016; IPC Estado Bolívar, 2003).

Ciudad Bolívar está localizada ao sul do Orinoco, com uma altitude de 54 metros acima das águas do rio. Suas coordenadas são: 8°06'10"N 63°32'49"W. É a capital histórica da Região de Guayana porque detém a fundação mais antiga do processo de crioulização nacional. Com a divisão político-territorial, é enquadrada como a capital do estado de Bolívar, dentro dos limites do recém-nomeado município de Angostura del Orinoco, antigo Heres.

Uma das características que se destacam nos habitantes de Ciudad Bolívar é a sua capacidade de criar raízes, conservar, proteger e promover o seu legado patrimonial, material e imaterial, condição que ajuda a superar o abandono que os diferentes governos venezuelanos exercem sobre as cidades do interior do país, centrando o orçamento na capital do país, alegando que "Caracas é Caracas e o resto é mato e cobras".

Imagem 4: Foto aérea do pôr do sol em Ciudad Bolívar.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/ciudad-bolvar-venezuelaplus--822540319418004516/>

Dois elementos vegetais que viraram brinquedos em jogos tradicionais

Ao iniciar esta parte do relato, é muito importante lembrar que a Venezuela, assim como o resto dos países latino-americanos, herdou das conquistas espanholas,

portuguesas, francesas e inglesas, a religião cristã e, de forma mais específica, a católica, que faz parte não apenas do imaginário popular, mas que até o século passado também tinha influência direta nas políticas de Estado. Daí os feriados que cada nação professa, à exceção de Cuba, que com a Revolução Cubana, todas as formas de religião e crenças espirituais foram criminalizadas e ficaram clandestinas, como é o caso dos santeiros, que só se expressam livremente quando fojem da nação caribenha.

Dito isso, a Semana Santa em Ciudad Bolívar presta-se ao recolhimento, penitência e reflexão dos adultos com base nas crenças das diversas religiões Cristãs, mas também do conhecimento popular surge o preparo de comidas típicas com *morrocoy* e *cachicamo*, a fritura de bolinhos de mandioca, doces de arroz com leite e arroz com coco feitos pelas avós, e para recreação das crianças, as brincadeiras: *juego de paraparas*¹¹ e *baile de zaranda*¹². É de suma importância entender que não é por acaso que as duas atividades recreativas acontecem durante o período quaresmal, já que os jogos tradicionais utilizam como brinquedos, dois tipos de elementos vegetais típicos da região (Vallejo Infante; Colvero, 2024).

As *paraparas*, conhecidas em Brasil como: sabão de soldado ou árvore do sabão, e uma espécie da família das *Sapindaceae*, muito usada pelos povos indígenas de América, há milhares de anos, não só como substituto natural ao sabão, que foi o que inspirou seu nome científico em latim ao sueco Carl von Linné em 1753, quem estabeleceu a nomenclatura taxonômica: *Sapindus*: deriva das palavras latinas *sap* que significa sabão, e *indicus*, que significa da Índia e *saponária*, epíteto latino que significa sabão. Outros usos ancestrais ainda praticados pelos aborígenes é a pesca feita com sementes moídas para preparar um *barbasco* que deixa os peixes nas lagoas, flutuando em suas costas. Sobre isso a preservadora das tradições lúdicas de *Guayana*, Mariíta Ramírez, deixa fala sobre os usos da árvore e suas sementes:

La parapara o árbol de jaboncillo es frondoso y se reproduce por semillas. El crecimiento es lento y se da bien en climas cálidos. Su carga se ofrece antes de Semana Santa, de allí la utilidad del fruto para el juego. El árbol se descarga hasta en el mismo sitio para sacar las semillitas negras que van a servir para realizar el juego. La concha de la parapara es utilizada por los

¹¹ Músicas tradicionais que fazem referência ao *juego de paraparas*: <https://www.youtube.com/watch?v=M-muzqUKW9g>

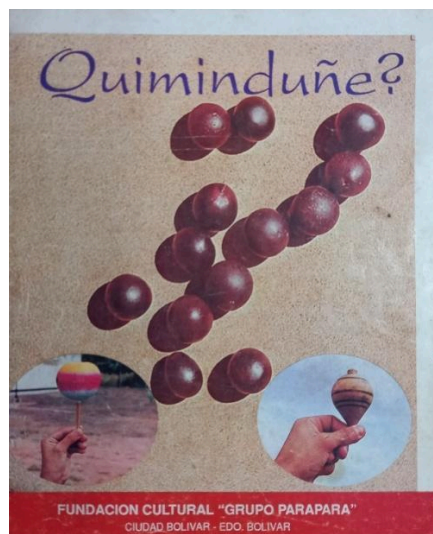
¹² Músicas tradicionais que fazem referência ao *baile de zarandas*: <https://www.youtube.com/watch?v=h3xpuCgp8ul>

indígenas para hacer una preparación especial llamada Barbasco la cual emplean con medida y sentido común para embarbasco (embarachar) a los peces en los ríos y en lagunas, en épocas cuando bajan los cauces y se forman pozuelos, proporcionándose con esta característica forma de pescar, su alimentación. De igual manera por su propiedad jabonosa la concha es utilizada como un excelente blanqueador o detergente de ropa por la gente del campo o zonas rurales. Sobre otra utilidad de la parapara, nos llegó la información, a través del periodista Américo Fernández, que la misma es empleada como protector infalible en la restauración de obras pictóricas. También se emplea la parapara, en la elaboración de artesanías tales como: collares, zarcillos, muñequitos en miniatura, gusanitos y otras curiosidades.

Por outro lado, Henry Vallejo Infante (abril de 1992), escreve no jornal: La Tarde:

La parapara es una fruta de un árbol de igual nombre, dicha fruta es venenosa, tiene la concha amarilla y la semilla o papa de color negro. Las hojas de la parapara generalmente las personas la utilizan para lavar en las quebradas de los ríos, por ser muy jabonosa. La semilla de la parapara es utilizada en diversas maneras, una de ellas era que los indígenas la utilizaban pisándola y echándola al río para pescar, otra forma de emplearla era el jueves y viernes santo que los jóvenes y niños jugaban con ellas al quirimindue y el popular pares y nones, otros jugaban a la picha, esto se hacía durante todo el día en la Plaza Bolívar, también la utilizaban como collares y cortinas, haciendo artesanías los aborígenes de nuestra región.

Imagem 5: Caderninho de 16 páginas impresso em: Impresora Sol de Guayana em 1994, com textos de Mariíta Ramírez, fotos de Ivo Farfán, e a colaboração dos esposos Azopardo e Henry Vallejo.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Pública Rómulo Gallegos de Ciudad Bolívar.

Também a oralidade da poetiza Mimina Rodríguez Lezama+, ficou registrada no caderninho chamado: Quimindue? organizado por Mariíta Ramírez em março de

1994, onde ela afirma: “*La parapara es um raro elemento vegetal de profunda simbología tradicional, de rituálica transcendencia en el realismo mágico de Guayana*”.

Agora avançamos, para passar a falar sobre o outro elemento vegetal na forma de uma abóbora que é usado para fazer e depois *bailar* (lançar ao chão) *las zarandas*, podemos dizer que o fruto fica pronto para a coleta com o período de verão no tempo de quaresma, daí que as pequenas abóboras tem diversos tamanhos y formas, nesse momento as meninas organizadas em grupos, pegam os frutos para retirar as sementes e a poeira amarga de dentro através de dois orifícios que elas fazem para as laterais do totuma, para processá-lo para limpá-lo e fazê-lo ter um melhor deslocamento ao dançar, causando zumbido. Posteriormente, são feitos mais dois furos, um de cima para baixo, para colocar a estaca, corda ou bastão que servirá como eixo giratório. Como o processo é artesanal, uma *zaranda* nunca é igual a outra, e na hora de dançar, podem ser serenitas, silbonas, taratateras, locas ou pequenas rainhas. Em coerência com o que foi dito, Elizabeth Mizrahi (2005) explica:

El juego la zaranda, originario de los indios nativos (guaiqueríes, guamonteyes, arahuacos, timotes, tamanacos, caribes, palenques, entre otros), en esta zona se juega principalmente en la época de Semana Santa o días santos. Su nombre proviene de una mata de cuyo fruto seco la fabrican. La zaranda se elabora con una totuma (cuenco que se obtiene de picar en dos partes una semilla hueca y grande) que es atravesada por un palito. En la parte superior del palito se enrolla un cordel que al halarlo hace girar la zaranda.

Na mesma ordem de ideias, Mariíta Ramirez explica mais sobre as abóboras que se transformam em pequenas rainhas, quando detalha no jornal: *Primicia* do dia 4 de abril 2021:

Con antelación las muchachas preparaban sus zarandas. Las dejaban secar, les sacaban todas las semillas y luego las decoraban. Los varones llegaban con sus trompos al encuentro para bailar las parejas e intentar quebrar las zarandas. En el juego, que usualmente se hacía en el amplio patio de alguna casa de Ciudad Bolívar, había una zaranda especial, más pequeña a la que llamaban "reinita". Era como la máxima prueba para los jugadores, pues la reinita era embadurnada con manteca de cochino y colocada al sol, lo que la hacía absorber la grasa y endurecerse. Luego la decoraban con papeles de colores tan cual reina. Era la más difícil de quebrar por su firmeza. Quien lograba hacerlo era declarado el campeón de la jornada. Pero una cosa más: en el interior de la zaranda reinita había un papel con una lista de peticiones que debían cumplir el ganador para celebrar la fiesta el Domingo de Resurrección.

As distintas fontes orais e escritas ajudam a identificar as influências criativas indígenas, e como posteriormente se juntarão práticas e imaginários europeus e africanos, assim como processos cocriativos para gerar resultados sincréticos presentes em ambas manifestações lúdico-populares na paisagem cultural de Ciudad Bolívar, capital del estado Bolívar – Venezuela.

Imagem 6: Painel publicitário de 2 x 3 metros, localizada em frente à V División de Infantería do Exército, que dava as boas-vindas a todos os viajantes que chegavam do interior do estado a Ciudad Bolívar durante 2012 e nos anos seguintes. Nela se observa em primeiro plano Mariña Ramírez e Henry Vallejo, exibindo os símbolos lúdicos que representam Ciudad Bolívar (*paraparas*, *zarandas* e *trompos*).



Fonte: Arquivo Fundação Cultural Parapara.

Desenvolvimento sociocultural das tradições lúdicas

Para alguns pesquisadores sobre crianças, seus processos de desenvolvimento social e da memória emocional e cognitiva, o brincar tem sido objeto de múltiplos estudos, por isso, neste espaço do texto, nos dedicaremos a entrelaçar as visões dos teóricos que escrevem os jogos, juntamente com entrevistas orais de distintas pessoas que são parte importante das dinâmicas culturais de Ciudad Bolívar que ficaram registradas em jornais, panfletos e outros meios impressos em as últimas décadas.

O brincar é considerado como o produto cumulativo de conhecimentos pertencentes a diferentes povos e em diferentes momentos da história, estes são muitos e com grandes variações, razão pela qual Arnol Gessell (1934) e Jean Chateau

(1958), através de seus estudos sobre o brincar propuseram diferentes referências para nomeá-los ou classificá-los de tal forma que, seu agrupamento é mais simples em termos de função e idade, na qual são mais frequentemente colocados em prática.

Daí que segundo Gessell (1934), aos oito anos a criança não gosta de brincar sozinha, tem um novo sentido de brincadeira mútua, de relacionamento ativo e uso prático. Ela está interessada em dramatizar com suas brincadeiras, fazendo atividades motoras grossas, características dos jogos coletivos que praticam. Em coerência com o exposto anteriormente, Mariíta Ramírez declarou no jornal: *Primicia* do dia 4 de abril 2021, o *juego de paraparas* como sendo um grande sociabilizador:

*Es un juego socializador 100%, donde en aquellos tempos, las manifestaciones de jugar tenían su edad, su credo, sus estipulaciones para realizarlo. La excepción de todo eso es el juego de la parapara que, altamente socializador, recreaba acercamiento inmediato de quien quisiera jugar, porque no tenía edad, no tenía credo, nada que impidiera jugar al 'pares o nones', detalla la investigadora cultural. En parejas, sin impedimento de ninguna especie, pueden jugar mayores con niños o jóvenes, quienes eran los que más se divertían en las plazas Bolívar del estado Bolívar. Porque los adultos en Semana Santa, acostumbraban a cumplir con todo lo que era las manifestaciones religiosas y tenían que llevarse a los niños y niñas, preadolescentes y adolescentes. Ellos cumplían esos servicios religiosos, en el caso de Ciudad Bolívar en la catedral, y todos los niños se quedaban jugando al Quimindúne en la plaza: abre el puño, ¿sobre cuánto? ¿Sobre pares o sobre none? No iban a aguantarse quedando en la iglesia rezando y más bien, jugaban y se distraían jugando la parapara*¹³

Por outro lado, Jean Chateau (1958) propõe uma classificação dos jogos que desenvolve analisando o uso ou comportamento das crianças desde a primeira infância, denominando-os de jogos não regulamentados, jogos regulados, jogos sociais e jogos tradicionais. Diante disso, é importante entender que existem jogos de tradição mundial, pois estão presentes na maioria dos países, como é o caso da pipa, um brinquedo com 3000 anos de antiguidade de origem asiático, e dos jogos de tradição local, que neste caso específico, são os que nos interessam analisar e entender como herança e memória viva em Ciudad Bolívar.

¹³ Disponível em: <https://primicia.com.ve/guayana/regiones/tradiciones-bolivarenses-el-juego-de-parapara/>

Imagem 7: Posição das mãos para executar a variante do *juego de paraparas* chamado: *La sota galleta*.



Fonte: panfleto *Quimindueñe?* Organizado por Mariña Ramírez em março de 1994, p. 13. Registro de Ivo Farfán.

Daí que aproveitamos o momento para incluir dentro das citações ao *Catálogo de Patrimonio Cultural Venezolano 2004 - 2005, Región Orinoco – Bolívar, municipio Heres BO 05*, desenvolvido pelo *Ministerio del Poder Popular para la Cultura* em conjunto com o *Instituto de Patrimonio Cultural* no ano 2006. Esta publicação faz parte dos processos legais de patrimonialização realizados na Venezuela durante os últimos 20 anos, a partir do reconhecimento e aplicação dos artigos 6°, 10°, 24°, 29°, 31° e 35° da *Ley de Protección y Defensa del Patrimonio Cultural de la República Bolivariana de Venezuela*, a série de publicações realizadas sobre as manifestações culturais e artísticas, individuais e coletivas, materiais e imateriais de cada município do território nacional, foram baseados,

en la jurisprudencia establecida por la Sala Constitucional del Tribunal Supremo, según ponencia del Magistrado José Manuel Delgado Ocando; que otorga el reconocimiento de patrimonio cultural a todo lo que está debidamente registrado, y publicado como tal, por el Instituto del Patrimonio Cultural; queda en consecuencia, protegido por esta ley, todo su contenido. De esta manera, posteriormente a su publicación, el Instituto del Patrimonio Cultural procederá a realizar las diligencias pertinentes para que este reconocimiento sea publicado en la Gaceta Oficial de la República Bolivariana de Venezuela (p. 5).

Nesse sentido, o *juego de parapara*, por ser uma manifestação coletiva com longa história na região, foi incluído como parte das expressões cerimoniais e festivas que englobam a comunidade, como grupos de pessoas que compartilham uma história e propósitos comuns, bem como significados e características particulares como coletivo, unindo-os e dando-lhes um sentimento de pertencimento ao espaço vivido. No *Catálogo de Patrimonio Cultural Venezolano, Región Orinoco – Bolívar, municipio Heres BO 05* (2006, p. 98) fica declarado:

Juego tradicional que se practica con las frutas del árbol de parapara. Su nombre es de origen indígena y proviene de los kariña de Anzoátegui. La diversión consiste en adivinar cuántas semillas contiene el fruto. Uno de los participantes debe guardar una semilla en una de sus manos y dos en la otra. Al perdedor se le asigna una penitencia que debe cumplir. En el juego se da un diálogo de preguntas y respuestas entre los jugadores:

—Pregunta: Quiminduña

—Respuesta: Abre el puño

—Pregunta: ¿Sobre cuánto?

—Respuestas: Sobre... (pares o nones)

Existe una variación del mismo juego, la Sota gallega, que convierte el diálogo en una especie de trabalenguas y dice así:

—Pregunta: ¿La Sota gallega?

—Respuesta: La niña cuenta, que te comas ésta (indicando una de las manos) y me dejes ésta (indicando la otra).

Para aprofundar um pouco mais sobre o *juego de paraparas* e como ele é feito, inclui-se outro fragmento da entrevista do dia: 04/04/2021 no jornal: *Primicia*, com Mariíta Ramírez, onde ela continua explicando o jeito de fazer a brincadeira em tempos de quaresma:

La naturaleza del juego de parapara consiste en el acercamiento de una persona a otra, juego de parejas, a través del intercambio de un juego de manos y de palabras, unas románticas, otras chistosas donde se hacen preguntas directas o de diálogo en forma de galanteo o picardía amorosa. Como el: ¿me quieres o no me quieres? “me quieres” sería pares y “no me quieres”, nones. Y eso lo utilizaban muchas personas porque no era fácil enamorarse en esos tiempos y acercarse a la chica o al chico que les gustara.

Por outro lado, a partir do depoimento prestado pelo agora desaparecido fisicamente, professor José Antonio Abatti, podemos mostrar que o *juego de paraparas* é um sincretismo de saberes herdados que se fundiram com as migrações, comentando: “en los juegos se pagan las deudas con paraparas me rupiaste!

Expresión derivada de rúpia, mínima moneda hindú que vino por el Orinoco traída por la mano y mente de las Madamas Trinitirias” (Quiminduné? 1994, p. 5).

Sabemos que o brincar faz parte da cultura integral, razão pela qual está presente em toda a humanidade há milhares de anos. Todas as culturas de diferentes latitudes do planeta tiveram processos de reconhecimento de seu espaço por meio de necessidades básicas como alimentação, abrigo e recreação, interagindo com elementos da área que ao longo do tempo se tornam conhecimentos milenares. A isso se somam também os diversos contatos desde processos migratórios, comerciais, de invasão ou exploração, passando por caravanas, navios e, mais recentemente, pelo ar, estabelecendo uma rede de comunicações e intercâmbios culturais que resultam em sincretismos identitários que conformam memórias locais. Sobre isso Adolfo Colombres (2012, p. 125) faz a seguinte referência:

A memória será mais forte quanto mais tempo puder se estender. Falamos assim de memória longa, que é a do povo, para diferenciá-la da memória curta, que corresponde mais à ordem familiar. A memória longa alimenta o sentido de uma tradição que afunda nas brumas do tempo, na pré-história e no mito. Não só conta a antiguidade desse passado, mas também a sua continuidade, que não pode ocorrer sem uma reelaboração sustentada ao longo do tempo que o mantém em vigor. Adquire assim grande prestígio, o que reforça o sentimento de pertencimento entre os membros da sociedade.

Em termos históricos, pode-se apontar que, para Chateau (1958), as brincadeiras infantis não são mais antigas do que as velhas brincadeiras abandonadas pelos adultos, tornando as mesmas tradições. Nas palavras de Hernández e Tresserras (1996, p. 12):

O patrimônio cultural ou legado cultural é um bem útil às sociedades que serve a diferentes propósitos (bons ou ruins), e se o direito das gerações que o recebem é de desfrutar plenamente de seus valores (positivos como valores), o dever que adquirem é transmiti-lo nas melhores condições para as gerações futuras.

(...) A ideia de patrimônio está associada a algo de valor e ao mesmo tempo entendemos que esse valor serve para estabelecer algum tipo de vínculo entre os indivíduos, ou seja, gera um elo entre emissor e receptor, podemos resumir dizendo, pelo menos, que o patrimônio é um bem valioso que passa do passado para o futuro relacionando as diferentes gerações.

Entre as muitas mais-valias simbolizadas pelo *juego de parapara* e o *baile de zarandas*, destaca-se a relação das diferentes gerações de *guayaneses* com a sua paisagem cultural, provocando a topofilia como esse enraizamento emocional com seu

lugar, espaço onde ano após ano, mantém-se a preservação de um patrimônio vivo que lhes oferece a aproximação entre os seus pares para estreitar laços afetivos. enquanto eles desenvolvem habilidades de criação manual, habilidades motoras finas e grossas, domínio espacial aerodinâmico, cálculo numérico etc.

El juego de paraparas, el baile de zarandas y las correrías (caminatas) de caballitos de San Juan, son el producto lúdico de este encuentro multiétnico que convivió, convive y seguirá conviviendo en la tierra que lleva por nombre el apellido de nuestro Libertador "Bolívar". A partir de la concultura dada en la región guayanesa, podemos apreciar la existencia de unos juegos de transmisión oral que han viajado a través de los años por muchas generaciones para hacerse presentes en las plazas y patios de Ciudad Bolívar obedeciendo fielmente a las diversas temporadas que a lo largo de cada año se dan (Vallejo Infante, 2005, p. 46).

Aproveitando o registro oral de Mariíta Ramírez dedicado aos jogos tradicionais de Ciudad Bolívar, pode-se dizer que: *"lo único que nosotros tenemos de autenticidad para jugar son las paraparas y las zarandas, que es una calabacita, descendiente de la auyama, y por eso es fácil de quebrar con el trompo"* Ao contrário do *juego de paraparas*, que se localiza mais especificamente nos estados de Bolívar e Anzoátegui, *la zaranda* é dançada em quase todos os estados das planícies venezuelanas, bem como na Região de Guayana, daí estudos como os de Mizrahi (2005), nos permitem acrescentar a seguinte contribuição descritiva da atividade recreativo-patrimonial:

*Para lanzarla o bailar la zaranda, se enrolla una cabuya en el palito y luego se hala para girarla en el suelo. Generalmente quien baila la zaranda es la mujer, ya que por los llanos venezolanos el hombre baila el trompo, de hecho la manera de jugar con la zaranda es que las mujeres se colocan en círculos y bailan su zaranda y los hombres lanzan sus trompos para destruir la zaranda.*¹⁴

Tudo o que tem sido argumentado a partir de fontes históricas e oralidades que honram as memórias coletivas dos habitantes (Halbwachs, 1950), nos permitem confirmar que os jogos tradicionais chamados: *Juego de Paraparas* e *Baile de Zarandas*, serviram e ainda mantêm o valor emocional de provocar encontros entre pessoas de diferentes idades, alguns com a intenção de brincar, outros com a nostalgia de lembrar e manter vivo aquele patrimônio cultural do mundo de vida

¹⁴ Disponível em: <https://efdeportes.com/efd94/zaranda.htm>

(Schutz, 2008) das famílias de Ciudad Bolívar, auto reconhecendo-se como grandes dinamizadores das manifestações herdadas da ancestralidade.

Resultados parciais

Desde que considerei a realização deste texto, houve especial interesse em mergulhar em minhas memórias pessoais, mas isso não seria suficiente para estabelecer um relato que registre a dinâmica cultural na qual nasci e vivi meus primeiros 20 anos de vida, para isso foi necessário estabelecer um tecido social de múltiplas memórias pessoais dos nascidos em Ciudad Bolívar considerados parte da mostra intencional, delineando assim um percurso que me permitiu desenvolver uma narrativa que ajudou a estabelecer a diferença entre os jogos da tradição mundial e os jogos da tradição local, mas também foi possível evidenciar dentro da argumentação que os jogos tradicionais da área estudada representam a essência da tradição ancestral, daquilo que nos vem de nossas raízes mais profundas e que atualmente se mantém na comunidade; que constituem um dos elementos básicos da identidade patrimonial, não só local, mas também regional e nacional.

Dentre os resultados encontrados, vale destacar o enraizamento de várias gerações às tradições locais imateriais herdadas de seus antepassados, pessoas que coletivamente se apropriam de um conhecimento a partir do qual apenas a cidade e seus habitantes podem entender a dimensão do prazer e valorização do saber que faz parte do DNA bolivarense, além do fortalecimento das habilidades físicas e espaciais, às quais se somam, agilidade mental, numérica e verbal no espaço urbano através dos jogos.

É muito interessante encerrar minha escrita apontando que as festas lúdicas-populares em Ciudad Bolívar não têm público, todos fazem parte da manifestação, a exclusão de qualquer tipo não faz parte da prática recreativa, demonstrando que é possível alcançar utopias quando, desde crianças, aprendemos a não ser racistas ou sexistas. Outro aspecto importante é que as memórias do povo não são mantidas pelo apoio do Estado em nenhum de seus níveis de governo, mas pelas diferentes gerações de habitantes da cidade.

Um dado curioso, é o fato de que ambas as tradições lúdicas são cheias de simbolismos sobre a colonização do europeu sobre o indígena e do patriarcado

religioso, que se tornam um interessante campo de análise para desenvolver discussões sobre encontros e desencontros teórico-reflexivos, ou como memórias e patrimônios culturais se tornam excelentes exemplos, não para criticá-los, e ficarmos sozinhos reclamando de um passado que não pode ser mudado, mas que pode ser exposto de forma educativa para mostrar às novas gerações, os erros da história e como evitar repeti-los.

Referências bibliográficas

BRICEÑO, Tirsia. **Comercio por los ríos Orinoco y Apure, segunda mitad del siglo XIX**. Fondo Editorial Tropykos: Caracas, 1993.

Catálogo de Patrimonio Cultural Venezolano 2004 - 2005, Región Orinoco – Bolívar, municipio Heres BO 05. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Cultura – Instituto de Patrimonio Cultural 2006.

CARREÑO, Emilia.; DASILVA, Magdelisa.; MELGAR, Xiomara. Manual de la cultura popular tradicional de Ciudad Bolívar en el nivel pre-escolar. (Trabajo de grado). Universidad Central de Venezuela. Escuela de Psicología, 1991.

CHÂTEAU, Jean. **Psicología de los juegos infantiles**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1958.

COLLINS, Menkis.; ROJAS, María. Manual de Cultura residencial popular y no popular tradicional y moderna, criolla y étnica de Ciudad Bolívar. (Trabajo de grado). Universidad Central de Venezuela. Escuela de Educación, 1991.

COLOMBRES, Adolfo. Nuevo manual del promotor cultural I. Buenos Aires: Fondo Cultural del ALBA, 2011.

DIARIO PRIMICIA, Tradiciones Bolivarenses: El juego de Paraparas. Puerto Ordaz, 04 de abril 2021.

ESCOBAR, Arturo. 2005. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 69 – 86. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/35174090> Acesso em: 03 julho 2023.

FERNÁNDEZ, Américo. Ciudad Bolívar a grandes rasgos. 2016. [Documento en línea]. Disponible: <http://ciudadbolivaragrandesrasgos.blogspot.com/2016/01/la-banda-del-estado-bolivar.html> [Consulta: 2024, junio 28].

GESELL, Arnold. An atlas of infant behavior: a systematic delineation of the forms and early growth of human behavior patterns, illustrated by 3200 action photographs, in two volumes. New Haven: Yale University Press, 1934.

GURDIÁN-FERNÁNDEZ, Alicia. **El Paradigma Cualitativo en la Investigación Socio-Educativa**. Colección: Investigación y Desarrollo Educativo Regional (IDER). San José: Coordinación Educativa y Cultural Centroamericana (CECC) Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI), 2007.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Version numérique par Mme Lorraine Audy, stagiaire, Et Jean-Marie Tremblay en collaboration avec la Bibliothèque Paul-Émile-Boulet de l'Université du Québec à Chicoutimi, 1950. Disponible en: https://www.academia.edu/17123309/141999311_Halbwachs_Maurice_La_Memoria_Collectiva_pdf. Acceso en: 30 jun 2023.

HERNANDEZ, Josep Ballart et all. El valor del patrimônio histórico. En: Complutum Extra, 6(11), 1996: 215-224.

IBAÑEZ, Tomás. **Psicología Social Construccionalista**. Universidad de Guadalajara: Ciudad de México, 2001.

Instituto de Patrimonio Cultural (IPC) del Estado Bolívar. **Cuaderno del patrimonio cultural, Serie Inventarios Bolívar I**. La Galaxia. Caracas, 2003.

LANDER, Edgardo. 2005. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 21-54. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html> Acesso en: 1 julio 2023.

MÁRQUEZ, Efraín. La Perspectiva Epistemológica Cualitativa en la formación de docentes en investigación educativa. **Revista de Investigación**, Universidad Pedagógica Experimental Libertador, 2009.

MARTÍNEZ, Miguel. La investigación cualitativa (síntesis conceptual). **Revista IIPSI** Facultad de Psicología UNMSM, v. 9, n. 1, p. 123-146, 2006.

MIZRAHI, Elizabeth. Juegos tradicionales de los llanos venezolanos: la Zaranda. **Revista Digital**, Año 10, N° 94, Buenos Aires, marzo de 2005. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd94/zaranda.htm>

MOSCOVICI, Serge. **El psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Huemul. 1979.

MOSONYI, Esteban. **Identidad nacional y culturas populares**. Caracas: Fondo Editorial Fundarte. 2012.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. Política y Sociedad 27, Madrid p.p. 63-76. 1998.

RAMÍREZ, Mariíta. Quimindúñe? (Caderninho). Fundación Cultural Grupo Parapara: Ciudad Bolívar, 1994.

RODRÍGUEZ, Fidel. Representación e historiografía: miradas múltiples al pasado de la Isla de Cubagua (1892-2014). **História da Historiografia**. N. 23, abril 2017, p. 28-42.

SCHUTZ, Alfred. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu Editores, S. A. 2008.

TUAN, Fu. **Space and place. The perspective of experience**. Minneapolis: Minnesota Press. 1983.

VALLEJO INFANTE, Henry. Juegos tradicionales de Ciudad Bolívar. Libro complementario. (Trabajo de grado). Universidad Central de Venezuela. Escuela de Educación, 2005.

VALLEJO INFANTE, Henry; COLVERO, Ronaldo. Ciudad Bolívar: capital histórica da Região Guayana e os tradicionais jogos da Semana Santa. Anais do Congresso Internacional de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade. Julho, 2024.

VALLEJO INFANTE, Henry; POLONI, Rita Juliana. Concepção de "guayanesidade" natalina como construção ontoepistêmica do pensamento de Mariíta Ramírez. In: VALLEJO INFANTE, Henry; POLONI SOARES, Rita; PEREIRA DA SILVEIRA, Laiana; NOTIS, Jean Peterson (Org.). **O Natal Nos Une: edição Mariíta Ramírez, patrimônio vivo de Guayana**. Porto Alegre: Casalettras, p. 16-34. Disponível em: <https://www.casalettras.com/onatalnosune> Acesso em: 10 novembro 2025.

VELÁSQUEZ, Ronny. **Estética Aborígen**. Caracas: Fondo Editorial Fundarte, 2008.

WIESENFELD, Esther. **La Autoconstrucción. Un estudio psicosocial del significado de la vivienda**. Caracas: Editorial Latina. 2001.